

Bate-estacas cai sobre ônibus, em Taguatinga, e mata três pessoas. Mais de dez passageiros se feriram no acidente

TRAGÉDIA NO METRÔ

DF A

Ana Delmonte
Da equipe do **Correio**

Arte: Rubens Paiva e Joelson Miranda

O ACIDENTE

Eram quase 9h quando o ônibus da linha 930 da Viação Sol parou no sinal da Avenida Elmo Serejo, no cruzamento com a DF 457, em Taguatinga. Alguns passageiros aproveitaram a parada para espiar a obra de construção da Estação 21 do Metrô de Brasília, no canteiro central da pista. Os mais atentos perceberam quando o bate-estacas da empresa Geoservice começou a balançar.

O sinal ainda estava vermelho quando a ameaça se concretizou. Depois de inclinar lentamente, a estrutura de aproximadamente 10 toneladas desabou sobre a traseira do ônibus, transformando em sucata as duas últimas fileiras de assentos. Três pessoas morreram — uma delas na hora —, outra está internada em estado grave no Hospital de Base do Distrito Federal e mais de dez passageiros sofreram ferimentos leves.

Testemunhas que presenciaram o choque contam que o ônibus não estava lotado e que motorista ainda tentou chegar para a frente, mas a distância que conseguiu percorrer não foi suficiente para evitar o choque. “Não havia muito o que fazer. O sinal estava fechado e tinha outros carros na frente”, lembra o carreteiro José Carlos Cardoso, que estava em um Monza, logo atrás do ônibus.

A tragédia somente não foi maior porque os passageiros que viram o bate-estacas balançando deram o alerta: “Quando vi a barra de ferro caindo, chamei o pessoal de trás para a frente, mas não deu tempo de todo mundo se salvar”, lembra o bombeiro da Companhia de Emergência Médica do Corpo de Bombeiros (Ciem), Vitorio Pereira dos santos, que estava dentro do ônibus e teve dificuldades em auxiliar as vítimas. “O pessoal empurrava, corria, queria sair a qualquer custo do ônibus, e eu queria ajudar no resgate.”

Apesar da rapidez dos bombeiros — que em menos de dez minutos chegaram no local — a violência do acidente não ofereceu muitas chances a quem ficou no caminho do bate-estacas. O policial militar Antônio Donizete Moreira, 43 anos, que viajava sentado em um dos bancos traseiros, foi resgatado das ferragens já sem vida.

Ele havia entrado no ônibus, que fazia a linha QNR-W3 Sul, duas paradas antes e se dirigia à Policlínica da Polícia Militar, no Setor Militar Sul, como denunciavam os cartões de consulta encontrados em seu bolso. Em meio ao ferro retorcido, também estavam o funcionário do Sesc João Pereira da Silva Neto, e os carteiros José de Ribamar Moreira Santos e Maria Fely da Silva. João e Maria ainda chegaram com vida ao HBDF, mas não resistiram aos ferimentos. Até às 17h30, José permanecia internado em estado grave.

Ninguém soube explicar o acidente. Nem o operador da máquina, José Luiz dos Santos, 61 anos, que quebrou o braço esquerdo na queda, nem o engenheiro Humberto Flecha, sócio da empresa e responsável pela obra: “Nunca ouvi falar de acidente semelhante com um bate-estaca. Foi uma fatalidade”. Segundo ele, o equipamento que despençou foi usado em outras obras do Metrô e estava no mesmo local há dez dias. “O operador também era muito experiente. Temos que aguardar o laudo para dizer com precisão as causas do acidente”, acrescenta.

■ Leia mais nas páginas 2, 3, 4 e 5

■ Às 9h, o ônibus da linha 930 da Viação Sol, com aproximadamente 30 pessoas, parou no sinal da Avenida Elmo Serejo, no cruzamento com a DF-457, em Taguatinga. O carro parou ao lado da construção da Estação 21 do Metrô.

■ O operador José Luiz dos Santos trabalhava na instalação de uma viga de ferro na obra. Por uma razão ainda desconhecida, a máquina perdeu o ponto de sustentação e desabou com a coluna. Dez toneladas de ferro caíram em cima do ônibus da Viação Sol.

■ O cabo da PM Antônio Donizete Moreira morreu na hora. João da Silva Neto, funcionário do Sesc, e a funcionária dos Correios Maria da Silva Pereira morreram nos hospitais onde foram internados. Pelo menos onze pessoas ficaram feridas no acidente.

COMO FUNCIONA

Cabo de aço ergue a viga de ferro, como um guindaste

Um operário, no chão, ajuda a pôr a viga na posição certa

O operador do bate-estaca, com a ajuda do motor, ergue o martelo até o topo da torre

A viga é encaixada no interior da torre

O martelo cai diversas vezes sobre a viga, enterrando-a no chão

PROVÁVEL CAUSA

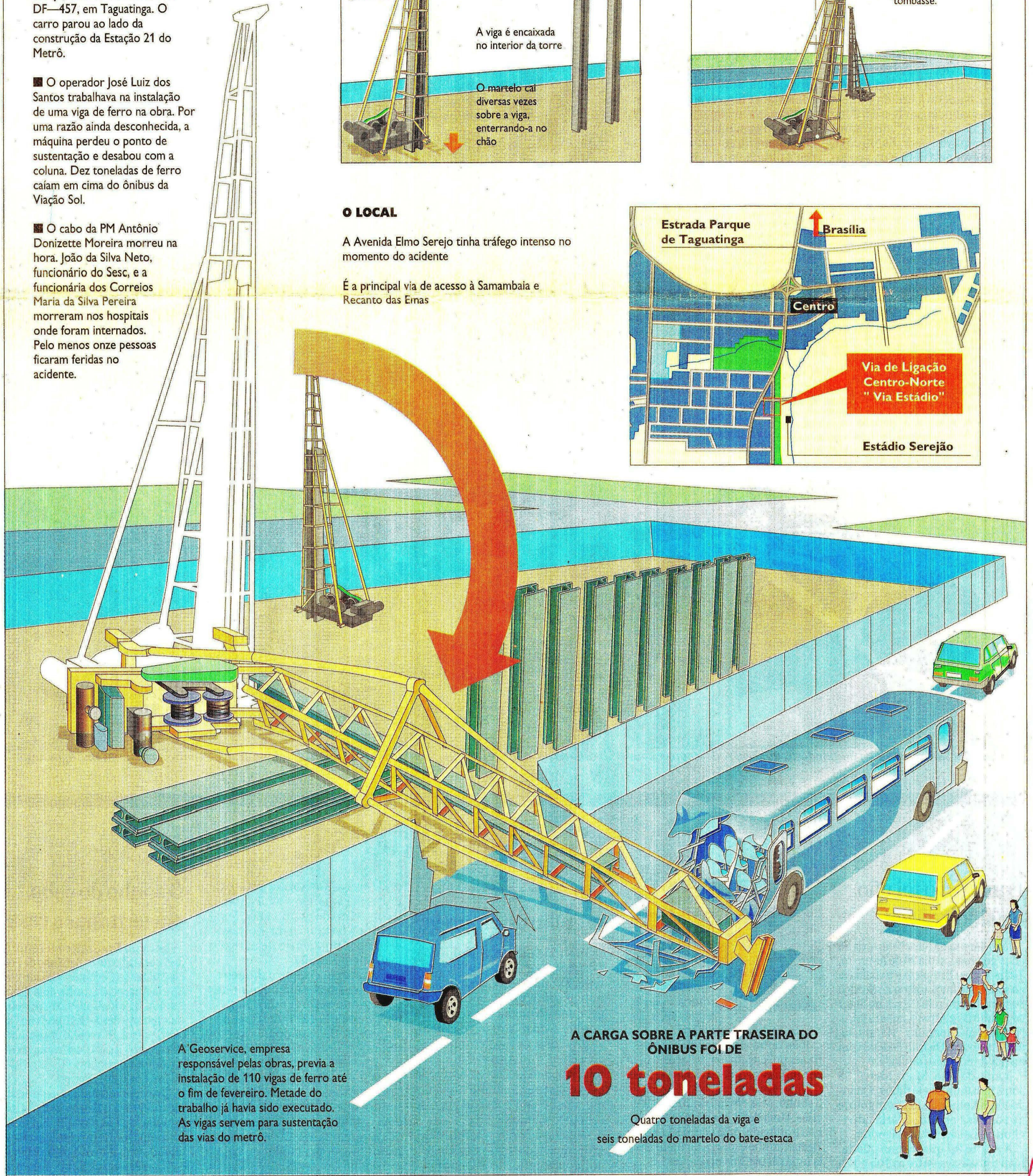
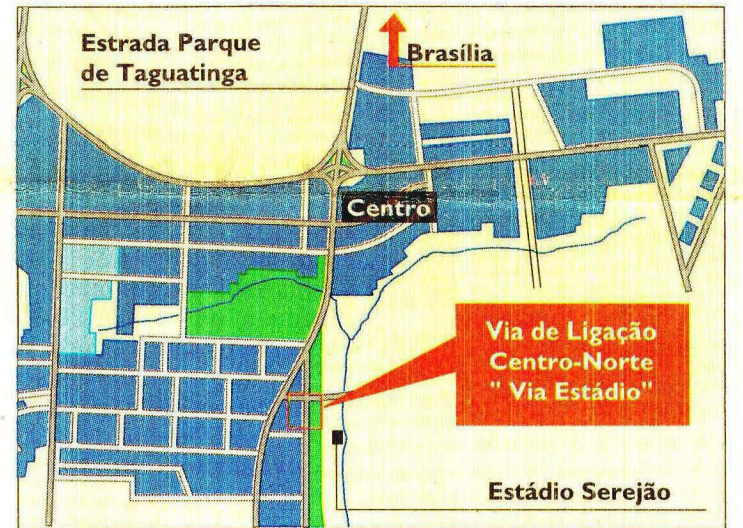
A viga, que ainda não estava presa ao chão, começou a inclinar.

A pressão sobre a torre fez com que toda a estrutura se soltasse do chão e tombasse.

O LOCAL

A Avenida Elmo Serejo tinha tráfego intenso no momento do acidente

É a principal via de acesso à Samambaia e Recanto das Emas



A CARGA SOBRE A PARTE TRASEIRA DO ÔNIBUS FOI DE

10 toneladas

Quatro toneladas da viga e seis toneladas do martelo do bate-estaca